

# ENSAIO SOBRE O PROBLEMA DA REIFICAÇÃO EM GEORG LUKÁCS E A POSSÍVEL EXPRESSÃO DESSA PROBLEMÁTICA NO LIVRO “O ESTRANGEIRO”, DE ALBERT CAMUS

**Arthur Guilherme Monzelli**  
(UFSCar - Mestre)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<b>Arthur Guilherme Monzelli</b> possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e mestrado em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. Atualmente é professor de sociologia e filosofia da Associação Comunitária de Educação para Jovens e Adultos Ong Fenix e professor de sociologia da educação básica II na escola estadual Professor João Batista Gasparin. Tem experiência na área de Ciências Humanas, com ênfase em Sociologia e Educação. E-mail: <a href="mailto:arthurmonzelli.agm@gmail.com">arthurmonzelli.agm@gmail.com</a>

RESUMO	ABSTRACT
Este ensaio analisa o problema da reificação na perspectiva do filósofo húngaro marxista Georg Lukács e sua expressão no livro <i>L'Étranger</i> [O estrangeiro] (1942), do filósofo francês Albert Camus. No que se refere à estrutura deste ensaio, ele foi dividido em três partes distintas, porém, inter-relacionadas. Na primeira delas, foi contextualizado o período histórico em que foi escrito a obra <i>Geschichte und Klassenbewußtsein</i> [História e consciência de classe] (1923), by Lukács, por meio da noção de era da guerra total de Eric Hobsbawm, desenvolvida em seu livro <i>Age of extremes</i> [Era dos extremos] (1994). Na segunda parte deste ensaio, foi construída uma reflexão sobre o problema da reificação em Lukács, com base nas contribuições teóricas de Karl Marx e Max Weber. E, na última parte deste texto, as características da personagem principal de <i>L'Étranger</i> de Camus foram interpretadas, à luz de Lukács, como emblema das mazelas da sociedade capitalista no século XX, sobretudo, a mazela da reificação.	This essay analyzes the problem of reification from the perspective of the Hungarian Marxist philosopher Georg Lukács and its expression in the book <i>L'Étranger</i> [O estrangeiro] (1942), by the French philosopher Albert Camus. In what concerns the structure of this essay, it was divided into three distinct parts, however, interrelated. In the first one, was contextualized the historical period in which was wrote the work <i>Geschichte und Klassenbewußtsein</i> [História e consciência de classe] (1923), by Georg Lukács, through Eric Hobsbawm's notion of the Era of total war, developed in your book <i>Age of extremes</i> [Era dos extremos] (1994). In the second part of this essay, was constructed a reflection on the problem of reification in Lukács, based on the theoretical contributions of Karl Marx and Max Weber. And, in the last part of this text, the characteristics of the main character of <i>L'Étranger</i> of Camus were interpreted, in light of Lukács, like emblem of the evils of the modern society on the 20th century, especially, the evil of the reification.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Reificação; Alienação do trabalho; Século XX; Georg Lukács; <i>L'Étranger</i> .	Reification; Alienation of work; 20 <sup>th</sup> century; Georg Lukács; <i>L'Étranger</i> .

## INTRODUÇÃO

As linhas decorrentes deste ensaio visam analisar a noção de reificação lukacsiana, a fim de compreender a sua consistência e destacar a sua atualidade como chave de interpretação da realidade social existente, sem perder de vista que as obras produzidas por Georg Lukács respeitavam aquilo que pode ser considerado um princípio essencial ao método materialista dialético, isto é, a tentativa de obliteração das barreiras que limitam a existência dos sujeitos sociais à artificialidade, à vilania e ao dilaceramento contínuo de si mesmos, ao mesmo tempo em que se reivindica um futuro menos desumano e desastroso, enfim, menos estruturado pelo problema da alienação do trabalho.

Levando isso em conta, pode-se afirmar que o fenômeno da reificação é uma das contribuições de Georg Lukács (1885 – 1971) para a interpretação do pensamento de Karl Marx (1818 – 1883) e também representa uma importante ferramenta de análise de sua época, a qual, por sua vez, Eric Hobsbawm denominou como breve século XX. Além disso, é legítimo destacar que a crítica lukacsiana do problema da reificação, tal como ela se manifestou no século passado, pode auxiliar a análise do século XXI, mesmo porque, ainda hoje a alienação do trabalho não foi superada. Ora, isso se mostra ainda mais inteligível se for levado em consideração o fato de o século XXI ser originado justamente do cinismo frio e calculista, preponderante na visão de mundo e nas relações sociais constituídas após as Grandes Guerras Mundiais, cujas cicatrizes deixadas ao jovem Lukács, e nos demais intelectuais de sua época, se reverberaram também na geração de sujeitos sociais que os sucederam. De fato, as mazelas deixadas pelo século XX às gerações de intelectuais daquela época são incomparavelmente mais profundas, caso sejam comparadas com as mazelas produzidas pelo nascente século XXI, até porque esse século ainda não terminou. Nesse sentido, mostra-se válido revisitar as análises lukacsianas acerca da reificação para compreender, criticar e quiçá transformar a realidade histórica contemporânea.

## 1 TRABALHO INTELECTUAL NO HORIZONTE DA GUERRA TOTAL

Georg Lukács foi um filósofo comunista nascido na cidade de Budapeste, Hungria. No que diz respeito a sua origem social, parece haver um consenso entre os seus biógrafos sobre o caráter abastado de sua família, uma vez que seu pai foi um banqueiro e Lukács, logo no início da sua juventude, já possuía um título nobiliário<sup>1</sup>. Além disso, os estudiosos da vida e da obra de Lukács são unânimes em pontuar o fato de a sua formação intelectual ter se constituído em meio a virada do século XIX para o XX,

---

<sup>1</sup> É necessário ressaltar que o título de nobre – marcado pelo prefixo “Von” em seu nome – foi renegado por Lukács quando ele se tornou comunista.

permeando-se, portanto, pela experiência provinda dos últimos anos da Belle Époque<sup>2</sup> e pelo contexto dramático das Grandes Guerras Mundiais. Outra significativa influência no pensamento lukacsiano é o fenômeno da Revolução Russa de 1917 que, segundo seus interpretes, foi de crucial importância para o seu ingresso no *Kommunisták Magyarországi Pártja* (KMP) [Partido Comunista Húngaro (PCH)], a partir do ano seguinte à Revolução. Contudo, faz-se necessário ressaltar que tanto a vida quanto a obra de George Lukács são muito complexas para serem esgotadas neste ensaio, por isso, o foco aqui será trabalhar com o período histórico no qual o jovem Lukács formou-se intelectualmente, ou seja, a primeira metade do século XX. Além disso, tal século será estudado com base em sua caracterização como *era da guerra total*, desenvolvida pelo historiador inglês Eric Hobsbawm em sua obra *Era dos extremos* (1994). Contudo, para compreender a caracterização desse século como uma época de guerra total, é preciso analisar três das suas principais características, isto é: a expressão como *conflito total*, a promoção da *devastação total* e a tendência de incentivo à *mobilização total* de recursos econômicos e humanos.

No que diz respeito ao primeiro processo, o conflito total, é possível analisá-lo em dois sentidos: o primeiro deles refere-se ao fato de as Grandes Guerras terem envolvido, direta ou indiretamente, todos os países da Europa em um conflito aberto e armado, assumindo proposições ineditamente globais, uma vez que também abarcou países além dos limites europeus, por exemplo, a Rússia, o Japão e os EUA. No entanto, vale pontuar ainda que essa realidade era praticamente inimaginável para as gerações do pré-1914, as quais estavam ideologicamente convictas quanto à marcha inexorável do capitalismo em direção ao progresso econômico, científico e moral, bem como acreditavam que o sistema capitalista tenderia ao alcance da paz global.

O segundo fenômeno que caracteriza o século XX como um momento histórico de guerras totais pode ser observado na Frente Ocidental, uma região fronteira entre Alemanha e a França, onde foi travado um dos maiores massacres que a humanidade já conheceu. A Frente Ocidental emblemizou uma forma de se fazer guerra que se mostrou inédita na história, pois naturalizou a frieza e o calculismo do assassinato em escala industrial. Por exemplo, até o século XIX, na perspectiva de Hobsbawm (1995), as guerras admitiam certas regras de conduta militar e havia até alguns princípios de cavalheirismo. Tudo isso sofre uma metamorfose durante o século XX, quando as guerras mundiais que nele se desenvolveram assumiram uma qualidade de violência colossal e

---

<sup>2</sup> Período iniciado na segunda metade do século XIX e terminado com o episódio catastrófico de 1914. Além disso, representou uma verdadeira era de ouro para a Europa, pois a ciência acumulava descobertas e os europeus daquela época estavam convictos de que o conhecimento que produziram havia chegado em um suposto patamar de evolução e progresso inexoráveis. Contudo, essa crença no progresso ininterrupto, na paz perpétua e na supremacia do sistema capitalista cai por terra a partir do surgimento da Primeira Guerra Mundial.

intransigente, isto é, uma luta de tudo ou nada até a morte, na qual não há acordo e sempre um lado sai absolutamente derrotado, enquanto, ao mesmo tempo, o outro conquista uma vitória plena, subjugando por completo o seu inimigo. Entretanto, no final das contas, esse tipo de guerra evidencia-se como exponencialmente desumano, pois arruína a todos os que nela se envolvem, sejam eles os que venceram as batalhas, sejam os que foram derrotas nelas, tal como afirma o próprio historiador inglês:

No papel, sem dúvida era possível o acordo neste ou naquele ponto [...] mas na prática só um objetivo contava naquela guerra: a vitória total, aquilo que na Segunda guerra Mundial veio a chamar-se “rendição incondicional”. [...] Em 1940 a França foi atropelada com ridícula facilidade e rapidez por forças alemãs inferiores e aceitou sem hesitação a subordinação a Hitler porque o país havia sangrado até a morte em 1914 – 8 (HOBSBAWM, 1995).

Refletindo agora sobre o caráter da *devastação total*, gerado pelas guerras mundiais, pode-se constatá-lo no estudo do número de vidas ceifadas durante as Grandes Guerras. Uma observação muito esclarecedora pode ser realizada quando se analisa a Guerra Franco-prussiana (1870-71)<sup>3</sup> em comparação com as batalhas decorrentes da Primeira e da Segunda Guerras Mundiais<sup>4</sup>, pois chega-se a seguinte conclusão: os conflitos desenvolvidos durante as guerras mundiais, isoladamente, ceifaram um número assustadoramente maior de vidas do que a soma de vidas perdidas em todas as batalhas travadas no conflito mais violento do século XIX que causou 150 mil mortes. Segundo Hobsbawm (1995), quantitativamente, cada embate desenvolvido nas guerras mundiais, foi capaz, por si só, de dizimar mais de 1 milhão de vidas, tanto civis, quanto militares. Ao todo, as guerras mundiais destruíram a existência de aproximadamente 64 milhões de pessoas, dos quais 10 milhões foram mortos na Primeira Guerra Mundial. Entretanto, tal como Hobsbawm (1995) ressalta, os números astronômicos infelizmente não são o único elemento das guerras totais capazes de causar espanto, na verdade, representam apenas a ponta do iceberg.

Além da colossal perda de vidas, a desumanidade produzida pelas guerras mundiais expressou-se em mais três outros aspectos. Em primeiro lugar, ambos os lados envolvidos no embate estavam dispostos a travar um conflito a qualquer custo, lançando mão de recursos abomináveis, tais como: a tortura, o genocídio civil, a destruição em

<sup>3</sup> Luta armada entre franceses e alemães desenvolvidas por causa de interesses imperialistas. O conflito intensificou-se desde as guerras napoleônicas e culminou no processo de unificação da Alemanha. Além disso, foi um dos conflitos mais violentos do século XIX, pelo menos desde as invasões napoleônicas.

<sup>4</sup> Por exemplo: A Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937 – 1945) travada entre Japão e China, devido a interesses expansionistas não alcançados na Primeira Guerra Mundial. A Guerra dos Balcãs, ou seja, o embate entre Sérvia, Montenegro, Grécia, Romênia e Turquia pela apropriação dos territórios do antigo Império Turco Otomano, que culminou na construção planejada da Iugoslávia. A Guerra Civil Espanhola (1936 – 39), movimento em essência anarquista que visava derrubar o monopólio capitalista e clerical do Estado espanhol, entre outros conflitos.

massa, as experiências científicas a partir de cobaias humanas, entre outros. Em segundo lugar, as guerras generalizavam-se em toda a sociedade, a tal ponto que as populações inimigas passavam a ser completamente desumanizadas pelos seus adversários e, conseqüentemente, acabaram tornando-se os principais alvos das investidas militares e paramilitares de limpeza étnica. Desse modo, a vida da população oponente passa a adquirir uma existência esvaziada de valor, tratada apenas com ódio. E, em último lugar, a devastação total transformou-se, adquirindo uma postura demasiadamente impessoal, planejada e naturalizada. O próprio historiador elucida isso ao destacar:

Outro motivo, porém, era a nova impessoalidade da guerra, que tornava o matar e estropiar uma consequência remota de apertar de um botão ou virar uma alavanca. [...] As maiores crueldades de nosso século foram as crueldades impessoais decididas a distância, de sistema e rotina, sobretudo quando podiam ser justificadas como lamentáveis necessidades operacionais. [...] O aspecto não menos importante dessa catástrofe é que a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia-a-dia que não mais notamos (HOBBSAWM, 1995).

Em vias de terminar este tópico do ensaio, chega-se ao terceiro e último caráter distintivo das guerras totais, ou seja, a questão da mobilização total. Em outras palavras, o que está em discussão é a tendência desenvolvida na Segunda guerra Mundial de se mobilizar descomunais quantidades de recursos econômicos e humanos para serem consumidos quase em sua totalidade para fins bélicos. Esse movimento, como bem destaca Hobsbawm (1995), é típico das sociedades modernas e industrializadas, pois somente elas são capazes de mobilizar tamanho contingente humano sem entrar em colapso, pelo menos não imediatamente. Pois, em sociedades predominantemente agrárias, por exemplo, a maioria da sua força de trabalho precisa, antes de qualquer coisa, estar sempre à disposição para atuar no plantio e na colheita. Hobsbawm (1995) ilustra esse processo ao destacar a produção diária de 200 mil granadas pela França na Primeira Guerra; sublinhar o exemplo dos EUA que, durante a Segunda Guerra, produziram 519 milhões de pares de meia e, por fim, ressaltar o caso dos alemães, cuja tradição burocrática contribuiu para o engendro de 6,2 milhões de almofadas para carimbo. Nesse sentido, de acordo com Hobsbawm (1995), a guerra massiva exigia também uma produção massiva.

Em resumo, até agora, este ensaio levou a cabo uma introdução histórica do século XX, a partir do seu fenômeno mais marcante, ou seja, as Guerras Mundiais. Durante esse processo, foi lançado mão da análise histórica de Eric Hobsbawm, que considerava o século XX uma era de extremos. Tal caminho foi trilhado para contextualizar o momento histórico no qual o pensamento de Georg Lukács se desenvolveu e em meio ao qual ele

engendrou a reflexão sobre o problema da reificação dos sujeitos sociais. Em poucas palavras, o imaginário histórico herdado pelo filósofo húngaro permaneceu marcado pela: “imagem de frotas de aviões jogando bombas sobre cidades, e de figuras de pesadelo com máscaras contra gases, Tateando o caminho como cegos em meio à nuvem de gás venenoso...” (HOBSBAWM, 1995).

## 2 O PROBLEMA DA REIFICAÇÃO EM GEORG LUKÁCS

A discussão sobre o problema de reificação em Lukács, neste ensaio, está dividida em três momentos distintos, mas, inter-relacionados. Em primeiro lugar, procura-se expor aquilo que o próprio filósofo húngaro concebia por reificação em seu livro *Geschichte und Klassenbewußtsein* [História e consciência de classe] (1923), respeitando o seu respectivo diálogo com a obra de Karl Marx. Em segundo lugar, esboça-se um paralelo entre o problema da reificação em Lukács com as análises de Max Weber (1864 – 1920) sobre a tendência da racionalização do mundo, expressa na alegoria da sociedade do século XX como uma realidade histórica em que os sujeitos, cada vez mais, encerram a si mesmos em *jaulas de ferro*. Em último lugar, analisa-se o problema da reificação tanto em sua expressão na totalidade quanto na particularidade da vida social.

Efetuada as devidas ressalvas, pode-se começar a análise do problema da reificação lukacsiano pela tendência de o capital – e também da sociedade erigida em torno dele –, desde o seu surgimento, obscurecer sua estrutura, afastando os sujeitos sociais da tomada de consciência sobre as nuances das relações sociais nas quais estão envolvidos e a partir das quais são paulatinamente empobrecidos. Um exemplo disso pode ser encontrado na *Miséria da filosofia* (1847), obra que Marx escreveu como resposta crítica ao livro *Filosofia da miséria* (1847), escrito por Pierre-Joseph Proudhon, mais especificamente na segunda observação feita por Marx contra aquilo que ele denomina como caráter metafísico da economia política. Em outras palavras, ao criticar o caráter metafísico da economia política e da filosofia de Proudhon, Marx está direcionando sua crítica ao caráter ideológico da própria sociedade capitalista de sua época. Nas próprias palavras de Marx, “as categorias econômicas são apenas expressões teóricas, abstrações das relações sociais da produção. O Sr. Proudhon [...] tomando as coisas ao inverso, vê nas relações reais somente as encarnações desses princípios...” (MARX, 2017). A crítica que Marx direcionou à Proudhon faz parte de um movimento que ele, com a parceria intelectual de Friedrich Engels, desenvolveu desde 1844, cada um a seu modo, e a partir de 1845 em parceria na obra *Ideologia alemã* (1845 – 46). Nessas empreitadas, ambos os autores criticaram a tendência de a filosofia metafísica alemã e a economia política inglesa conceberem a possibilidade de relações abstratas produzirem a vida concreto dos sujeitos sociais, ou em suas palavras, a metafísica alemã e a economia política desciam “do céu à

terra”, enquanto Marx e Engels entendiam, dentro do que depois ficou conhecido como materialismo histórico dialético, que a sociedade se constituía subindo “da terra ao céu”, tendo em mente que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2007).

Desse modo, as concepções abstratas da metafísica alemã e da economia inglesa, criticadas por Marx e Engels, ocultam a qualidade criativa das relações sociais objetivas estabelecidas pelo trabalho e pela práxis dos sujeitos sociais, por meio de um olhar distorcido sobre as relações estabelecidas entre ser humano e natureza, concebendo-as como relações estabelecidas entre coisas e não entre seres humanos de carne e osso, o que, conseqüentemente, deixa de lado sua eminente qualidade social e autocriativa. Em poucas palavras, essa tendência de transformar as relações essencialmente humanas, levadas a cabo por meio de um processo dialético de transformação da natureza mediado pelo trabalho, em relações entre coisas, pode ser entendido como o problema da reificação exposto por Lukács em sua obra *História e consciência de classe*.

Além disso, não se pode deixar de comentar que Lukács aprofunda essa tendência descoberta por Marx no século XIX, pensando na reificação como um processo de esvaziamento da atividade humana e perda da práxis em uma magnitude jamais vivenciada antes pela história da humanidade. Evidentemente, a análise lukacsiana não deixa de levar em conta a presença dessa tendência em inúmeras civilizações do passado, cuja estrutura social e histórica pressupunha a prática da escravização como, por exemplo, na Antiguidade, período histórico no qual aqueles que eram derrotados em guerras ficavam vedados por seus conquistadores a toda e qualquer existência cidadã e, ao mesmo tempo, eram tratados como meras ferramentas. Entretanto, é preciso ressaltar que tal discussão orbita sobre uma diferença qualitativa, por isso, é legítimo destacar a especificidade desenvolvida pelo capitalismo, isto é, pelas relações mercantis fetichizadas<sup>5</sup> que nele engendram um inédito movimento desumanizador massivo, racional e calculado. Nas palavras do filósofo húngaro, “esse desenvolvimento da forma mercantil em forma de dominação efetiva sobre o conjunto da sociedade surgiu somente com o capitalismo moderno (LUKÁCS, 2012)”.

Vale ressaltar ainda o fato de o problema da reificação em Lukács estar inspirado na noção de alienação do trabalho desenvolvida por Karl Marx em seus *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844). Nessa obra existem quatro caracterizações da alienação do

---

<sup>5</sup> O termo fetichismo da mercadoria foi criado por Karl Marx n’ *O capital* (1867) para descrever o caráter mistificador que a produção de mercadorias adquire na sociedade capitalista. Nessa sociedade, os seres humanos acostumaram-se a supervalorizar as coisas e subvalorizar a própria humanidade, ou melhor, nas próprias palavras de Marx, “com valorização do mundo das coisas, cresce a desvalorização do mundo dos homens em proporção direta” (MARX, 2015).

trabalho<sup>6</sup> tal como se expressava na era de ascensão do capitalismo industrial no século XIX, mas este ensaio se concentrará apenas na primeira dessas caracterizações, a alienação do ser humano perante o objeto do seu trabalho, ou melhor, nas próprias palavras de Marx:

o objeto que o trabalho produz, o seu produto, enfrenta-o como um *ser alienado* [*ein fremdes Wesen*], como um *poder independente* do produtor. [...] Essa realização (*Verwirklichung*) do trabalho aparece na situação nacional-econômica como *desrealização* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e *servidão ao objeto*, a apropriação como *alienação* [*Entfremdung*], como *exteriorização* [*Entäusserung*] (MARX, 2015).

Em outras palavras, o filósofo húngaro observa que o moderno mercado capitalista possui uma manifestação mistificadora, distorcendo o caráter social do trabalho humano e dos resultados provenientes dele, ao ponto de torná-los realidades alienadas aos seus produtores. Assim, as relações estabelecidas entre os trabalhadores da sociedade moderna capitalista passam a adquirir um caráter de relação entre coisas, perdendo, pouco a pouco, sua qualidade enquanto relação ontológica. Por relação ontológica entende-se o que já foi mencionado neste ensaio, ou seja, as relações concretas históricas, necessárias para a reprodução dos sujeitos sociais, tanto objetiva, quanto subjetivamente. Tais relações estabelecem-se por meio da interação dialética entre ser humano e natureza, mediada pelo trabalho e realizada de formar forma livre, autônoma e criativa. Contudo, Lukács destaca, a partir de sua leitura de Marx, que, na sociedade do capital, os seres humanos deparam-se com um mundo de coisas e relações entre coisas pré-definidas, cujas leis podem até ser do seu conhecimento, mas, mesmo assim, são imediatamente encaradas como se fossem detentoras de uma validade universal e, sobretudo, independente da influência dos sujeitos sociais. Nessas circunstâncias, o trabalhador sente que seu trabalho parece objetivar-se fora do processo produtivo, a tal ponto que tem a impressão de atuar como um simples automato, submetido a uma espécie de lei estranha, abstrata e cujo movimento lhe é independente.

Em resumo, “a universalidade da forma mercantil condiciona, portanto, tanto sob o aspecto objetivo quanto sob o subjetivo, uma abstração do trabalho humano que se objetiva nas mercadorias” (LUKÁCS, 2012).

No que diz respeito ao segundo momento da reflexão sobre o problema da reificação em Lukács, chega-se agora à tarefa de analisar as influências do pensamento de Max Weber na elaboração da problemática supracitada. Assim sendo, mostra-se

---

<sup>6</sup> A alienação perante o fruto do próprio trabalho; alienação perante o próprio processo produtivo; alienação perante o ser genérico do ser humano e alienação do ser humano perante o próprio ser humano. Para informações mais precisas se recomenda a leitura do tópico “Trabalho alienado e propriedade privada” na obra *Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, de Karl Marx.

necessário sublinhar duas das principais tendências desenvolvidas pela modernidade, de acordo com a leitura de Weber, a saber: a racionalização excessiva do mundo e a divisão social do trabalho. Antes de Weber, Marx (2013), n' *O capital*, produz uma análise sobre as formas históricas concretas do trabalho – desde o artesanato medieval, passando pela manufatura pré-industrial e, terminando no labor industrial moderno – demonstrando a emergência de uma tendência racionalizadora, responsável pelo esvaziamento gradual das qualidades intrinsecamente humanas do trabalho. Nesse sentido, é possível destacar uma recorrente consequência da divisão social do trabalho, ou seja, a sujeição da atividade produtiva humana a uma fragmentação compartimentada, abstrata e racionalizada, até culminar em certo ponto no qual o processo de trabalho parece se reduzir a mera repetição mecânica<sup>7</sup>. Além do mais, devido a esta acentuada racionalização, mecanização e burocratização dos serviços, a vida humana tende a se tornar cada vez mais comandada pela rigidez do cálculo racional.

Aliás, as tendências de racionalização, fragmentação e mecanização da vida e do trabalho, estudadas por Marx no século XIX e por Weber no início do século XX, tornam-se ainda mais acentuadas no decorrer da era dos extremos. Isso torna-se nítido na crítica que Lukács investe contra a assim chamada administração científica do trabalho criada por Frederick Winslow Taylor (1856 – 1915), que se tornou uma tendência de organização do trabalho industrial a partir do desenvolvimento das Guerras Mundiais. Nas palavras de Lukács:

Com a moderna análise 'psicológica' do processo de trabalho (sistema de Taylor), essa mecanização racional penetra até na 'alma' do trabalhador: inclusive suas qualidades psicológicas são separadas do conjunto de sua personalidade e são objetivadas em relação a esta última, para poderem ser integradas em sistemas especiais e racionais e reconduzidas ao conceito calculador (LUKÁCS, 2012).

Levando isso em consideração, torna-se crucial, a fim de ilustrar o caráter extremamente racionalizador da reificação, apresentar o paralelo desse problema com a tendência da vida dentro da jaula de ferro weberiana. Na ótica do filósofo húngaro, as teorias de Max Weber são cruciais ao entendimento da realidade histórica do Ocidente europeu, pois, afasta-se de todas as tentativas burguesas de naturalizar o problema da reificação nas consciências dos sujeitos sociais. Diferente dessas tentativas apologéticas do *status quo* capitalista moderno, Weber compreendeu que a essência da sociedade burguesa era a tendência de generalização da frieza do cálculo racional nas relações estabelecidas entre os indivíduos. Nesse sentido, as obras de Weber, em especial, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1905), concluíram que o capitalismo pressupõe uma administração

---

<sup>7</sup> Para obter mais detalhes a respeito do processo de divisão do trabalho na sociedade capitalista, recomenda-se a leitura dos capítulos “Divisão do trabalho e manufatura” e “Maquinaria e grande indústria” d' *O capital* de Karl Marx.

política consonante as necessidades reprodutivas do capital, afastando-se de todos os ordenamentos fundados no princípio da irracionalidade, ou seja, aqueles governos que se estruturam na tradição, por exemplo, o patriarcado, como também os governos originados por meio da aclamação afetiva, cujos líderes conquistam o poder por meio exclusivamente das suas qualidades excepcionais<sup>8</sup>.

Em outras palavras, a sociedade do capital arquiteta-se através de um Estado burocrático no qual as ordens são implementadas de cima pra baixo, segundo uma hierarquia rígida e praticamente cristalizada, e as relações sociais estabelecidas entre os indivíduos articulam-se pela lógica racional calculista. Nesse sentido, Lukács (2012) destaca que a burocracia se torna um emblema da subordinação total da consciência dos trabalhadores aos ditames da economia capitalista, pois os trabalhadores das repartições burocráticas, sejam públicas ou privadas, executam tarefas que não só estão próximos da simplicidade de uma máquina, mas, muitas vezes, até as superam nos quesitos padronização e uniformidade. Sendo assim, a tendência da racionalização do mundo, analisada por Weber, demonstra ser extremamente nociva ao espírito humano, pois acentua ainda mais o processo de desagregação e abstração da atividade humana produtiva. Tal constatação está sintetizada neste trecho da *Ética protestante e o espírito do capitalismo*:

O puritano *queria* ser um profissional – *nós devemos sê-lo*. Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com precisão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem – *não* só dos economicamente ativos – e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil. Na opinião de Baxter, o cuidado com os bens exteriores devia passar sobre os ombros de seu santo apenas “qual leve manto de que se pudesse despir a qualquer momento”. Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço {na célebre tradução de Parsons: *iron cage* = jaula de ferro} (WEBER, 2004).

Todavia, Lukács realiza uma notável ressalva sobre a conclusão weberiana com intuito de destacar um problema que permanece inexplorado por ela, a saber: o fenômeno das crises cíclicas de superprodução e subconsumo do capital. Até o presente momento, discutiu-se acerca do caráter abstrato, parcial, frio e calculista da estrutura do capital – características fomentadoras do problema da reificação –, aparentemente edificada por leis naturais, eternas e imutáveis as quais, por sua vez, concebem o capitalismo como um sistema econômico que atingiu o ápice do desenvolvimento humano, chegando ao assim

---

<sup>8</sup> Para mais informações consultar WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1992. 242p.

chamado ponto final da história. Entretanto, toda essa ilusão cai por terra quando se manifestam, dentro do devir histórico, as crises estruturais do capital. Com efeito, a estrutura da sociedade burguesa, aos olhos críticos de Lukács, mostrou ser embasada por leis parciais, abstratas, demasiadamente formais e racionalizadas, mas, apesar disso, ainda são incapazes de fugir das intempéries contingentes da história. Desse modo, o sistema capitalista não tem a capacidade para ser organizado de forma plenamente racional – o que não exclui a possibilidade da preponderância da lei ou da vontade de um grupo economicamente dominante sobre os interesses da classe que produz a riqueza social –, pois, o fundamento do capitalismo é justamente a livre concorrência e a ação inconsciente dos monopolizadores da troca mercantil, o que, por sua vez, estabelece como estrutural a incerteza, a parcialidade e a irracionalidade nas relações estabelecidas entre sujeitos sociais.

Além do mais, embora Lukács tenha exposto criticamente as consequências perniciosas do problema da reificação sobre a consciência dos sujeitos sociais – em especial, do proletariado –, isso não significa que ele tenha deixado de compreendê-lo dialiticamente. Em outras palavras, ele enxerga a manifestação do fenômeno da reificação em meio a um movimento histórico recíproco e inter-relacionado, no qual a totalidade social (leia-se o sistema sociometabólico do capital) é produzida por meio da associação entre as particularidades fenomênicas (a mercadoria, o Estado, a educação, a indústria, entre outras). Portanto, qualquer fenômeno histórico é capaz de influenciar substancialmente na consistência e na dinâmica da estrutura social abrangente, da qual faz parte e vice-versa. Essa dinâmica dialética da história é articulada por meio da contradição social – contradição entre classes sociais, contradição entre universal e particular, entre fenômeno e essência, etc. E é necessário ter em mente que a reificação se manifesta dentro desse movimento dialético como se fosse a própria totalidade social, entretanto, ela é, na realidade, apenas uma particularidade do sistema do capital. Portanto, essa tendência de universalizar uma particularidade histórica mostra-se perniciosamente mistificadora à consciência dos sujeitos sociais, na medida em que a esvazia de historicidade e a afasta da compreensão dialética da realidade sócio-histórica.

Em resumo, Lukács demonstra como as especificidades do sistema capitalista, no século XX, vêm se mostrando cada vez mais abstratas, isoladas e instrumentalmente racionalizadas. E isso se tornar emblemático em seu estudo do problema da reificação, responsável pelo impedimento dos sujeitos sociais de terem consciência da própria totalidade sócio-histórica na qual se reproduzem ao mesmo tempo em que tende a fazer desvanecer todo e qualquer papel verdadeiramente humano manifesto no movimento dialético da história. Contudo, não se pode perder de vista o fato de a reificação ser um fenômeno histórico como qualquer outro, logo, está submetido às leis do movimento

dialético da realidade, ou seja, sua superação é possível, uma vez que ela mesma promove, como diria Marx, os meios específicos para a sua destruição através do desenvolvimento da consciência revolucionária de classe. Nas palavras do próprio Lukács:

De outro lado, esse sistema de leis deve não somente se impor aos indivíduos, mas ainda *jamaís ser inteiramente e adequadamente cognoscível*. Pois o conhecimento completo da totalidade asseguraria ao sujeito desse conhecimento tal monopólio, que acabaria suprimindo a economia política (LUKÁCS, 2012).

Embora as discussões sobre a questão da consciência de classe não sejam o foco deste ensaio, ainda assim, vale a pena mencioná-las a fim de manter a coerência no estudo da filosofia lukácsiana.

### 3 O PROBLEMA DA REIFICAÇÃO NA OBRA *O ESTRANGEIRO*, DE ALBERT CAMUS

Enfim, chega-se à última parte deste ensaio, a saber: a análise da manifestação do problema da reificação na obra *L'Étranger* [O estrangeiro], de Albert Camus. Antes de qualquer coisa, vale ressaltar que a intensão deste tópico não é sustentar uma possível leitura que Camus possa ter feito da obra de Lukács, em vez disso, procura-se apenas explorar o potencial que a literatura tem de elaborar crítica e artisticamente a realidade social. Sendo assim, é possível começar analisando a escrita objetiva, direta e incisiva de Camus n' *O estrangeiro* que chega, de certo modo, a provocar angustia em seus leitores.

No entanto, esse romance está escrito dessa forma para aproximar seus leitores da própria sociedade da segunda metade do século XX, cujas principais características são, como já foi discutido no tópico anterior, a frieza, o calculismo e a racionalização exacerbada. Além disso, as dramáticas mazelas do século XX parecem estar simbolizadas na maneira como a personagem principal do romance, Sr. Meursault, enxergava o mundo. O dilaceramento do espírito humano pela alienação do trabalho e pelo processo de racionalização do mundo, que encarcera os indivíduos em jaulas de ferro, é trabalhado com impressionante precisão nas primeiras páginas de *O estrangeiro*, quando Camus descreve o dia em que o Sr. Meursault recebe uma carta do asilo o notificando do falecimento de sua mãe.

Dessa forma, é provável que já no primeiro capítulo desse romance o leitor sinta o mal-estar provocado pela narrativa de uma personagem que se quer lembra o dia exato da morte da sua própria mãe. Ademais, esse mal-estar provocado pela aparente insensibilidade da personagem principal perante a morte de sua mãe intensifica-se

quando Meursault passa o velório todo sem chorar, ou melhor, sem manifestar qualquer tipo de sofrimento. Em vez de apresentar o sentimento de comoção próprio do luto e habitual em qualquer pessoa que perde um ente querido, a personagem principal demonstra sentir muito sono, inclusive, adormece várias vezes durante o velório, fuma e toma café com leite, destacando a satisfação proporcionada por tais prazeres simples, mesmo durante o velamento de sua progenitora. Também se recusa a abrir o caixão da mãe, que já estava parafusado, para vê-la uma última vez. No entanto, Camus deixa o mais impactante para o final, ou seja, o leitor termina o primeiro capítulo descobrindo que o Sr. Meursault não se lembra da idade precisa de sua mãe, pois há muito tempo havia deixado de visitá-la no asilo.

Levando o que foi discutido até agora em consideração, um olhar preliminar sobre o primeiro capítulo d'*O estrangeiro* poderia levar um leitor desatento a pensar que a personagem principal não gostava de sua mãe, entretanto, o romance de Camus e a análise filosófica que ele desenvolve é mais profunda que isso. O Sr. Meursault, na realidade, não nutria inimizade pela mãe, mas algo pior, ou seja, indiferença. Ademais, o que sobressai no romance não é apenas a relação de indiferença entre o Sr. Meursault e sua mãe, mas o fato de a indiferença expandir-se para todas as suas relações sociais.

Por exemplo, quando a personagem Raimundo, sujeito de caráter duvidoso e agressor de mulheres, requisita a amizade de Meursault, este último lhe diz que não fazia diferença ser amigo dele ou não. A insensibilidade se repete na relação entre o Sr. Meursault e sua namorada Maria. Por exemplo, quando Maria pergunta a Meursault se ele a ama, este último lhe dá, com sinceridade e frieza, a seguinte resposta: não faz diferença alguma. Não se pode deixar de destacar também que no mesmo dia da morte de sua mãe, Meursault decidiu tomar banho de mar com Maria durante o dia e, à noite, levá-la para assistir a um filme de comédia.

A frieza, o calculismo, a racionalização e a insensibilidade que aparecem emblemáticas na personagem principal d'*O estrangeiro* repetem-se durante todo o romance, aprofundando-se quando o Sr. Meursault comete um assassinato sem motivos passionais ou racionais aparentes, argumentando ter atirado na vítima por culpa do sol que ofuscou a sua visão, embora, inexplicavelmente tenha se aproximado do corpo sem vida de sua vítima e atirado nela mais quatro. Após cometer esse assassinato, Meursault é preso e o advogado de acusação tenta explicitar ao júri, mediante uma exposição demagógica, a insensibilidade Meursault, a fim de conquistar a execução da pena capital, pois o considerava uma ameaça à sociedade. A argumentação da acusação, aos ouvidos do Sr. Meursault, soava da seguinte maneira:

Dizia que, na verdade, eu não tinha alma e que nada de humano, nem um único dos princípios morais que protegem no coração dos homens, me era acessível. [...]

Mas, no que se refere a este tribunal, a verdade negativa da tolerância deve transformar-se na virtude menos fácil, mas mais elevada, da justiça. Sobretudo quando o vazio de um coração como o que descobrimos neste homem, se torna um abismo onde a sociedade pode sucumbir (CAMUS, 2019).

Em seguida, a acusação tenta explicar a desumanidade e insensibilidade de Sr. Meursault como resultado de uma espécie de psicopatia, ou seja, trata-se de um problema individual da personagem principal do romance. A acusação e o juiz do caso de Meursault também o consideravam uma espécie de anticristo, por causa da sua frieza, calculismo e insensibilidade. No romance, esses funcionários da lei representam uma das faces do problema da reificação, a face da ideologia, ou seja, o ponto de vista obscurecido daqueles que acreditam que a sociedade capitalista moderna é harmônica e natural.

Além disso, para tais ideólogos do capital, os senhores Meursaults que nela surgirem serão sempre considerados como pontos fora da curva, sujeitos inadequados à vida na sociedade burguesa moderna. Apesar disso, na realidade, Meursault não era um sujeito social que fugia da normalidade, ou um *outsider*, muito pelo contrário, ele era um indivíduo comum que concentra em si, de forma transparente, as mazelas da sociedade burguesa moderna. Isso pode ser observado no final do romance, quando Meursault está prestes a ser executado e profere as seguintes palavras:

[...] soaram as sirenes. Anunciavam partidas para um mundo que me era para sempre indiferente. Pela primeira vez em muito tempo pensei em mamãe. [...] Ninguém, ninguém tinha o direito de chorar por ela. Como se esta grande cólera me tivesse purificado do mal, esvaziado de esperança, diante desta noite carregada de sinais e de estrelas **eu me abria pela primeira vez à terna indiferença do mundo. Por senti-lo tão parecido comigo**, tão fraternal, enfim, senti que tinha sido feliz e que ainda o era (CAMUS, 2019, grifos nossos).

Portanto, *O estrangeiro* de Camus pode ser lido como uma ilustração literária das consequências do problema da reificação na consciência daqueles que vivem do trabalho, denominados por Marx como proletários. Em outras palavras, sintetiza a propensão moderna de as relações entre sujeitos sociais tornarem-se relações entre *coisas*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio procurou elaborar uma reflexão acerca da consistência e da dinâmica do problema da reificação na obra *História e consciência de classe*, de Georg Lukács. Com esse intuito, foram focalizadas as leituras que Lukács elaborou sobre as obras de Karl Marx e Max Weber para estabelecer os paralelos que o jovem filósofo húngaro estabeleceu entre esses grandes pensadores clássicos e as suas inquietações,

frente ao mundo.

Em seguida, analisaram-se as contribuições lukacsianas, sobretudo sobre o problema da reificação da consciência dos sujeitos sociais, a partir da mediação da obra *O estrangeiro*, de Albert Camus.

Por fim, espera-se que este ensaio possa fazer parte das inúmeras tentativas de contribuição para a superação da condição de reificação, uma vez que, embora pareça apenas um carvão ardente “de um grande fogo apagado” (KONDER, 2010), anda assim, tem o potencial, por meio de sua singela e superficial centelha, senão inflamar, ao menos reaquecer as chamas que foram abafadas abruptamente pelo desespero e pela calamidade que assolaram século XX e estão reverberando-se no século XXI.

## REFERÊNCIAS

CAMUS, A. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: Record, 2019. 128 p.

HOBBSBAWN, R. E. **A era dos Extremos: O breve século XX (1914 – 1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

KONDER, L. **GYORGY LUKACS**. IN: \_\_\_\_\_. **Em torno de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 95 – 103.

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe: Estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 598 p.

MARX, K. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007, 616 p.

\_\_\_\_\_. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo Boitempo, 2013. 896 p.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Paris & Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. São Paulo: Expressão Popular, 2015. 496 p.

\_\_\_\_\_. **A miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017. 218 p.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**, parte 2. São Paulo: Cortez, 1992. 453 p.

\_\_\_\_\_. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2004. 335 p.

Título em inglês:

ESSAY ABOUT THE PROBLEM OF THE REIFICATION IN  
GEORG LUKÁCS AND THE POSSIBLE EXPRESSION OF THIS  
PROBLEMATIC ON BOOK “O ESTRANGEIRO” BY ALBERT  
CAMUS